

## EDITORIAL

Os textos reunidos nesta edição foram construídos a partir dos trabalhos apresentados no **IV Encontro Nacional de Pedagogia das Artes Cênicas**, realizado entre os dias 18 e 21 de maio de 2017, na Universidade Federal da Bahia (UFBA) - uma iniciativa do Grupo de Trabalho Pedagogia das Artes Cênicas da ABRACE (Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas). Nesse Encontro, pesquisadores, artistas, professores e estudantes debateram sobre as políticas educacionais e a realidade do ensino do teatro e da dança, na escola básica, na Universidade e nas comunidades.

A partir do Encontro, fomos convidados pelo Cadernos do GIPE-CIT, através do Prof. Daniel Becker Denovaro, a editar um número sobre a **Pedagogia das Artes Cênicas**. Como provocação inicial da presente edição, convidamos **Sérgio Coelho Borges Farias** a refletir sobre o lugar da arte e de seu ensino no atual panorama sócio, político e cultural em que vivemos.

No campo específico da formação de professores, **Taís Ferreira** apresenta dados preocupantes, no que tange à recepção teatral e às pedagogias do espectador, que nos levam a (re)pensar os currículos das Universidades. Ao sabermos que 50% dos entrevistados, em diferentes estados brasileiros, não desenvolveram nenhuma atividade sobre a recepção cênica, a mediação cênica ou a pedagogia do espectador durante o seu processo de graduação, torna-se inevitável voltar o olhar para a nossa própria formação e para aquela que oferecemos em nossos cursos.

A formação do professor é um tema indispensável para o campo da Pedagogia das Artes Cênicas, principalmente, porque nos interessam os percursos formativos de nossos estudantes. Na elaboração dos Projetos Políticos Pedagógicos dos cursos, por exemplo, devemos sempre nos preocupar com a construção de documentos que condigam com a realidade e que sejam o reflexo do contexto no qual o curso está inserido. Nesse sentido, o texto de **Tharyn Stazak**, que teve como estudo de caso o curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Ceará – UFC, coloca-nos o seguinte questionamento: “Como possibilitar uma experiência inicial para que o estudante compreenda que ele é o principal responsável por tornar-se um artista-pesquisador-docente?” Com esta questão, a

pesquisadora instiga-nos a pensar que o estudante deve ser o responsável por trilhar o seu próprio percurso formativo. A partir dessa percepção, uma das estratégias elaboradas pela autora foi a criação de espaços de autonomia para os estudantes por meio de disciplinas de improvisação realizadas no início do curso. Essas disciplinas servem como estímulos aos estudantes, cabendo à eles não apenas escolher e trilhar seus próprios caminhos, mas também construir sua própria noção de artista-pesquisador-docente.

Ainda no campo da Pedagogia das Artes Cênicas, deparamos-nos com inúmeras estratégias e pressupostos metodológicos que são elaborados, em diversas regiões do Brasil, com o intuito de propor outras possibilidades educativas, como é o caso de **Theda Cabrera** em São Paulo. A autora aborda a dramatização de contos filosóficos junto aos educadores em formação inicial, possibilitando o que chamou de *escuta atenta*.

Além disso, a problemática mais discutida no IV Encontro Nacional de Pedagogia das Artes Cênicas girou em torno das seguintes questões: Qual a condição ideal para executarmos o nosso trabalho: palco, refletores, iluminação, maquiagem, cenário? E se diante de todo esse aparato técnico e tecnológico estivermos perante uma direção escolar que não permite que se faça barulho durante os ensaios? E se mesmo com o apoio dos coordenadores e dos diretores, não tivermos estudantes verdadeiramente dispostos a participarem das atividades propostas por nós? Quais seriam, portanto, as condições mínimas para o trabalho do(a) professor(a)? **Fernanda Marília Rocha**, em seu texto, propõe que utilizemos da realidade concreta da escola para a criação de processos criativos em sala de aula, que sejam elaborados de forma construtivista.

Em alguns casos, quando pensamos nas condições de trabalho dos professores da Educação Básica e do Ensino Superior, vemos que, apesar de nenhum dos campos de atuação ser ideal, há diferenças significativas entre eles. Contudo, apesar das diferenças, é importante destacar que tem crescido a aproximação da Universidade com a Escola Pública, especialmente a partir do grande número de estudantes do Mestrado Profissional em Arte (ProfArtes) que, em muitas regiões do país, começaram a desenvolver pesquisas sobre suas próprias práticas, em suas condições reais de trabalho.

Outro programa que tem auxiliado essa aproximação é o PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). Por esse motivo, a pesquisa

realizada por **Maria Amélia Gimmler Netto** - que mostra o entrelaçamento da Universidade Federal de Pelotas (UFpel) com as Escolas de Educação Básica por meio do PIBID - é bastante relevante. Enriquecendo de sobremaneira as experiências práticas dos licenciados em Artes Cênicas/Teatro/Dança.

É importante destacar também que, quando propusemos como tema central a Pedagogia das Artes Cênicas, tivemos como preocupação não restringir a discussão apenas ao contexto escolar, mas colocar em debate o teatro que é realizado na, pela e com a comunidade, como a experiência trazida por **José Jackson Silva** nesta edição. O autor aborda um grupo criado há 55 anos na cidade de Caruaru - Pernambuco, chamado *Teatro Experimental de Artes* (TEA). O TEA se dedica à formação de jovens, dentro e fora da escola, no campo das Artes Cênicas. Grupos como este são, muitas vezes, os responsáveis pelo primeiro contato dos jovens com o teatro e, em alguns casos, talvez o único que terão com essa arte.

Ainda sobre as condições do trabalho docente, com **Carolina Vieira, Pedro Arnaldo, Flávio Gonçalves, Gilvamberto Freitas e Maria Josélia**, pudemos, no IV Encontro Nacional, acompanhar uma leitura dramática - cuja reflexão teórica está sendo apresentada em seu artigo publicado neste número - que visou discutir, com os espectadores, os desafios da nossa prática enquanto artistas-pesquisadores-docentes.

Já **Cilene Nascimento Canda**, ao buscar compreender em que medida o ensino do Teatro se constitui como experiência educativa e estética, apresenta-nos uma síntese relevante sobre os principais conceitos que vêm sendo discutidos nos últimos anos, tais como: experiência, estética e recepção. O texto se mostra, dessa maneira, como uma importante reflexão teórica sobre os procedimentos metodológicos que precisam ser (re)discutidos na perspectiva do jogo e da recepção teatral, à luz da educação estética.

Temos, ainda, dois relatos de experiências. O de **Guilherme Conrado Pereira Ríspolli**, que faz uma reflexão sobre uma pesquisa em desenvolvimento na Universidade Federal de Uberlândia-UFU, cujo objetivo é levantar questões sobre o trabalho coletivo com artistas. E o de **Patrícia Avila Ragazzon**, que aborda as metodologias de trabalho do teatro que podem ser desenvolvidas junto às pessoas com deficiências. Ambos apresentam experiências relevantes que podem servir como inspiração para outros docentes.

Por fim, desejamos uma boa leitura e esperamos todos e todas no **V Encontro Nacional de Pedagogia das Artes Cênicas**, que será realizado na Universidade Estadual do Estado de Santa Catarina – UDESC, em Maio de 2018.

Tiago Cruvinel (IFMG/UnB)

Vicente Concilio (UDESC)

Mariana Lima Muniz (UFMG)

Editores Convidados do nº38 do GIPE-CIT